

## A CONCEPÇÃO DE LIBERDADE PARA O BEHAVIORISMO RADICAL<sup>1</sup>

Kellen Nayara de Souza<sup>2</sup>, Sérgio Domingues<sup>3</sup>

**Resumo:** *O presente estudo teve como objetivo refletir sobre o conceito de liberdade para o Behaviorismo Radical, envolvendo questões filosóficas e metodológicas que se relacionam às interações do organismo e seu ambiente, possibilitando assim, uma visão do mesmo enquanto agente no meio em que vive, ou seja, um indivíduo que exerce controle e é controlado pelas consequências de suas ações. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica de livros e artigos científicos, concomitante a monitoria de Análise Aplicada do Comportamento e observações naturais de situações cotidianas, nas quais a liberdade apresentou-se de forma limitada, demonstrando assim, a relevância do autoconhecimento e, por conseguinte a discriminação de variáveis aversivas pelo próprio indivíduo, permitindo que o mesmo perceba a inexistência da liberdade total, mas a possibilidade de enfrentamento de situações prejudiciais por intermédio de relações positivas de controle.*

**Palavras-chave:** *Autoconhecimento, controle, interações organismo-ambiente*

**Abstract:** *The present study aimed to reflect on the concept of freedom for radical behaviorism, involving philosophical and methodological issues relating to the interactions of the organism and its environment, thus enabling a view of it as an agent in the environment they live in, ie an individual who has control and is controlled by the consequences of their actions. To this end we carried out a literature review of books and scientific articles, co Applied Analysis of monitoring*

---

<sup>1</sup> Parte do Trabalho de Conclusão de Curso do primeiro autor;

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: kellenaiara@gmail.com;

<sup>3</sup> Professor do curso de Psicologia- FACISA/UNIVIÇOSA e-mail:sdufmg@gmail.com

*behavior and natural observations of everyday situations in which the freedom presented to a limited extent, thus demonstrating the relevance of self and therefore discrimination of aversive variables by the individual himself, thus enabling it to realize the lack of total freedom but the ability to cope with adverse situations through positive relationships control.*

**Keywords:** *Control, organism-environment interactions, self*

## **Introdução**

O conceito de liberdade é discutido em todos os âmbitos da sociedade, dividindo opiniões entre estudiosos, religiosos e leigos. Segundo Laurenti (2009) a visão tradicional considera o ser humano como livre e responsável por seus comportamentos, sendo suas causas e consequências inexistentes. Opostamente a esta visão, Skinner demonstra por meio de seus estudos que o ser humano não decide independentemente, pois sofre influências do ambiente natural e social no qual atua.

Diferentemente do que as críticas destinadas ao Behaviorismo Radical dizem, Skinner defende a luta pela liberdade, no entanto, segundo o mesmo, esta não ocorre por sentimentos e pensamentos isolados, mas sim a partir da discriminação de variáveis aversivas, visto que somente assim, torna-se possível o controle das mesmas e a emissão de um comportamento livre (da Cruz, 2010).

De acordo com Machado (1997) o indivíduo em sua filogênese e ontogênese recebe e exerce influência sobre o ambiente em que vive, ou seja, possui comportamentos operantes e não passivos, desse modo é impossível dizer que o controle é inexistente, contudo é necessário reiterar que nem toda a forma de controle é negativa, ou seja, existem relações controladoras positivas que proporcionam o bem-estar interno e externo dos indivíduos.

Como aponta Laurenti (2009) Skinner não concorda com a visão tradicional de liberdade, pois a mesma causa a alienação do sujeito, o qual nega

a existência de controle deixando de lutar contra as variáveis aversivas que o manipulam, iludindo-se até mesmo com o reforço positivo imediato, o qual posteriormente causa consequências negativas, que o conduzem à escravidão.

Desse modo, percebem-se limitações na concepção clássica de liberdade e compreende-se que a visão Skinneriana pretende conscientizar o indivíduo para que o mesmo possa ir além da liberdade, reconhecendo seus limites e livrando-se de situações aversivas e escravizantes, ou seja, desenvolvendo o autoconhecimento e autocontrole (da Cruz, 2010).

### **Material e Métodos**

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, desenvolvida pela leitura de livros e artigos científicos disponibilizados em sites especializados como o google acadêmico e SciELO. Juntamente a esta revisão realizaram-se observações naturais de situações cotidianas e monitoria da disciplina Análise Aplicada do Comportamento, a qual perdurou seis meses possibilitando a verificação dos conceitos trabalhados no decorrer da disciplina.

### **Resultados e Discussão**

Segundo Brandenburg e Weber (2005) o autoconhecimento está conectado ao campo da consciência, que se trata, do ponto de vista Behaviorista Radical, de comportamentos conscientes, ou seja, a capacidade de discriminar comportamentos próprios e as variáveis que os controlam. Assim o autoconhecimento pode ser visto como autoconsciência, “discriminação de estados encobertos” (Brandenburg e Weber, 2005, p.88).

Sugere-se desse modo que a negação das formas de controle estabelecidas durante a vida de um indivíduo, relaciona-se a falta de consciência dos próprios comportamentos e como consequência a falta de autocontrole, tendo em vista que, a fuga e esquiva de situações escravizantes não permitem seu

reconhecimento e modificação por parte do indivíduo (Laurenti, 2009).

Skinner discorda das visões mentalistas que tratam o sujeito enquanto ser autônomo, possuidor de vontades e pensamentos independentes de sua história de vida. Similarmente a visão de Foucault, o Behaviorismo Radical acredita que tal autonomia conferida ao indivíduo é na verdade produto de poder, ou seja, encontra-se sobre controle de fatores internos e externos presentes na comunidade verbal, na qual se insere cada indivíduo (Sá, 1983).

Percebe-se assim uma falsa noção de liberdade, pois mesmo quando pessoas dizem fazer o que querem, estão sob controle de alguma variável ambiental seja esta positiva ou negativa. Desse modo, é imprescindível que as formas de controle sejam reconhecidas e as situações adversas enfrentadas, mesmo que estas tragam ganhos secundários (Brandenburg & Weber, 2005).

A liberdade é comumente interpretada como o oposto de controle. De acordo com Andrade e Neto (2012, p.47) tal palavra é relacionada à fiscalização, obediência entre outras ideias aversivas ao indivíduo, no entanto, o controle possui um significado amplo e diferente na filosofia Behaviorista Radical. O controle por reforçamento positivo não envolve a coerção, ou seja, não se utiliza de punição, tampouco reforçamento negativo, assim o indivíduo possui o “sentimento de liberdade”, contudo pouco se sabe que o controle é exercido sem que se perceba (Brandenburg e Weber, 2005).

A sensação de aprisionamento encontra-se frequentemente no que se chama controle aversivo, e é por meio deste que os sujeitos se veem amarrados em erros e mazelas infundáveis. Em vista disso, enfatiza-se que apenas através do autoconhecimento, o indivíduo se depara com verdadeiras possibilidades em suas relações sociais. Assim, inicia-se o real processo de libertação, que se trata, como cita Skinner de libertar as pessoas do que é prejudicial.

Compreende-se assim, que o controle é exercido também no processo de luta pela liberdade, haja vista que a mobilização existente nos comportamentos públicos e privados do indivíduo, relaciona-se ao autocontrole, que o leva como menciona Branderburg e Weber (2005) a uma ação proposital, ou seja, a

agir pela consciência de uma consequência reforçadora.

Sendo assim, compreende-se que o importante não é libertar os homens do controle, mas sim analisar e modificar as espécies de controle a que se encontram submetidos (Skinner, 1993, p. 37 APUD Brandenburg e Weber, 2005). Skinner considera que a verdadeira liberdade, se trata de reconhecer o problema que impossibilita comportamentos saudáveis e assim manipula-lo de modo que estes também se modifiquem.

As interações ocorridas entre o organismo e seu ambiente interno e externo interferem diretamente nos comportamentos, os quais por inúmeras vezes não são conscientes e mesmo quando são, torna-se difícil desvencilhá-los de todas as contingências antecedentes, ou seja, advindas de experiências passadas na família, escola, mercado de trabalho entre outros âmbitos sociais (de Andrade e Neto, 2012).

O ser humano como um ser social “age sobre o ambiente, modifica-o e é modificado por ele” (Skinner, 1957), desse modo, entende-se que através do autoconhecimento existe a possibilidade de deixar a fuga e esquiva de relações doentias e substituí-las pela sua remodelagem, desenvolvendo conhecimento acerca das espécies de controle de modo a modifica-las (de Andrade e Neto, 2012).

Através do autoconhecimento o indivíduo em suas interações com a comunidade verbal possui maior capacidade de planejamento em sua vida, compreendendo melhor as contingências que o levam a comportar-se de determinada forma, bem como estados internos, que podem ser descritos verbalmente e por conseguinte elaborados e modificados (Nascimento, 2010).

Deve-se enfatizar que o Behaviorismo Radical não desconsidera a autonomia e subjetividade humana, contudo, entende tais conceitos como produtos das relações entre o indivíduo e o ambiente interno e externo. Sendo assim, Skinner partindo da cientificidade, deseja melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, que podem lutar pela liberdade através de auto e contracontrole (Brandenburg & Weber, 2005).

De acordo com Pereira (2015) as influências condicionantes estão

presentes para o ser humano em todos os âmbitos de sua vida, de modo que diversas situações escapam ao poder da vontade. Assim, entende-se que a liberdade não é absoluta e livre, o que não conduz o indivíduo a uma posição de vítima, mas sim de agente que possui capacidade de discriminar e trabalhar situações que o aprisionam.

“Estou convencido das minhas próprias limitações e esta convicção é minha força (MAHATMA GANDHI)”. O ser humano, embora esteja fadado a conviver junto ao poder coercitivo, é capaz de tomar atitudes frente aos condicionantes, desenvolvendo assim a consciência dos próprios comportamentos e o autocontrole, que atuam na modificação dos estados internos e externos, gerando aprendizado e novas experiências (Pereira, 2015).

### **Conclusões**

Diante dos fatos apresentados conclui-se que a filosofia behaviorista radical bem como sua ciência Análise do Comportamento não nega a liberdade, no entanto considera os indivíduos capazes de ir além da mesma, a partir do entendimento acerca de limites e relações controladoras existentes no ambiente externo e interno. É imprescindível que as pessoas se autoconheçam e assim possuam consciência de seus comportamentos públicos e privados, discriminando formas de controle coercitivas, que geram situações escravizantes e os privam da sensação de liberdade.

Logo, compreende-se que o controle não deve ser associado somente a aspectos negativos, haja vista que por intermédio deste, é possível exercer o contracontrole em direção a variáveis aversivas, presentes por vezes nos próprios indivíduos, porém de modo inconsciente. Por fim, entende-se que termos como “estado de espírito”, “vontades e sensações”, inexistem se isolados dos demais estímulos, tendo em vista que tais processos advêm de um histórico de contingências que influenciam o indivíduo por relações controladoras positivas e negativas, assim, cria-se uma ilusão, como se tais sentimentos surgissem de dentro para fora, no entanto são frutos de interações sociais.

### **Referências Bibliográficas**

BRANDENBURG, O.J; WEBER, L.N.D. Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical. *Psico-USF*, v. 10, n. 1, p. 87-92, 2005.

DA CRUZ, R.N. Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 30, n. 3, p. 478-491, 2010.

DE ANDRADE, D.M; NETO, D.M.R. Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque Analítico-Comportamental1. em foco, p. 45, 2012.

LAURENTI, C. Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical Carolina Laurenti. *Scientiae Studia*, v. 7, n. 2, p. 251-269, 2009.

MACHADO, L.M.D.C.M. Consciência e comportamento verbal. *Psicologia USP*, v. 8, n. 2, p. 101-108, 1997.

PEREIRA, I.S. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, v. 26, n. 3, p. 390-396, 2015.

Sá, C. D. Sobre o poder em Foucault e o controle em Skinner. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 35(2), 136-145, 1983.

SKINNER, B.F. *Comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix, 1957.